

Voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXVIII | #160 | mar/abr 2018



ESPÍRITO SANTO
AS PAREDES DE CASTELO

GRAU TÉCNICO DE
CAMINHADAS

ESPINHAÇO
A CORDILHEIRA

ESCALADA

ESPECIAL

MONTANHISMO

EQUINOX MOCHILA DE ESCALADOR



KIHÚ 2.0

PROJETADAS POR ESCALADORES
DURABILIDADE SUPERIOR



SÍNTESE 2.0

MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS



GRANDE LESTE 2.0

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



Redirecionando emoções

Arun Gandhi aprendeu com seu avô, Mahatma Gandhi a usar a raiva que sentia como impulso para fazer o bem. Não se tratava de esconder ou não sentir mas sim usar a raiva como força motriz de desafios, uma energia a ser direcionada e expelida devidamente.

ALESSANDRA ARRIADA | RS



emoção, voltando para olhar a situação com mais clareza e considerando a opinião do outro. Também evitava dessa forma a impulsividade no agir e tratava a tentativa de usar uma energia tão poderosa para transformações interiores.

Tempos modernos

O imediatismo das redes sociais aliada a facilidade de enviar uma mensagem tem trabalhado pouco essa intolerância, esse ódio ou desconforto. O olho no olho, o conversar, o escrever faz aumentar a paciência e dá tempo pra se colocar no lugar do outro. O objetivo da rede de aproximar e reconstruir relações deturpou para o individualismo e ódio seco e explícito.

Quando praticamos um esporte ou atividade, ou nos dedicamos a algo com total atenção mobilizamos de todas as nossas células, da nossa respiração, da nossa mente, uma energia para

aquela tarefa. Por muitas vezes nos sentimos exaustos ou esgotados, sem força para nossas prioridades. Quando treinamos nossa mente para o que importa, nasce dela toda essa força contida, necessária, a que transformamos raiva, medo em pura determinação. Aquele último grito com a força que tiramos não sei da onde no trecho final da nossa empreitada.

Me ocorreu todo esse pensamento ao ler as redes sociais essa semana. Quanta energia gasta em discutir pontos de vista. Se pode ou não pode cachorro em áreas de escalada. Se o meu direito é maior que o seu. Muita discussão. Interminável. E eu não vi ninguém propor solução. Não vi ninguém propondo uma escalada para sentar, gastar as energias e conversar a respeito. Nem eu. Só tive raiva e direcionei para o meu corpo que na mesma hora doeu de dor de cabeça por ser contrariado, por saber que há

outros umbigos além do meu, errados ou certos, mas ali, na minha frente, convivendo comigo.

Quando devemos mudar na nossa vida, no nosso trabalho, no nosso dia a dia, tudo que podemos nos dedicar mais ao que nos propomos fazer, e não fazemos por perda de tempo, por perda de energia.

Eu não tenho, infelizmente, a receita. Eu não sei controlar minha raiva nem frustrações apesar de estudar e ler sobre isso há anos. Mas de uma coisa eu sei: cada vez que perdemos a cabeça, sentimos raiva ou ferimos alguém perdemos algo além da razão. Perdemos momentos de paz e felicidade, perdemos um amigo, perdemos a nossa energia.

Já vou agora mesmo escrever meu caderninho...

Boas escaladas e boas anotações a todos.

O neto dedicado escrevia um diário registrando cada episódio que desperdasse sua ira ou raiva e como havia reagido. A intenção da tarefa incumbida por Gandhi era encontrar a origem da




TENAYA

+ CONFORTO
+ PERFORMANCE
+ SOLADO VIBRAM

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR

Solo Outdoor & Travel

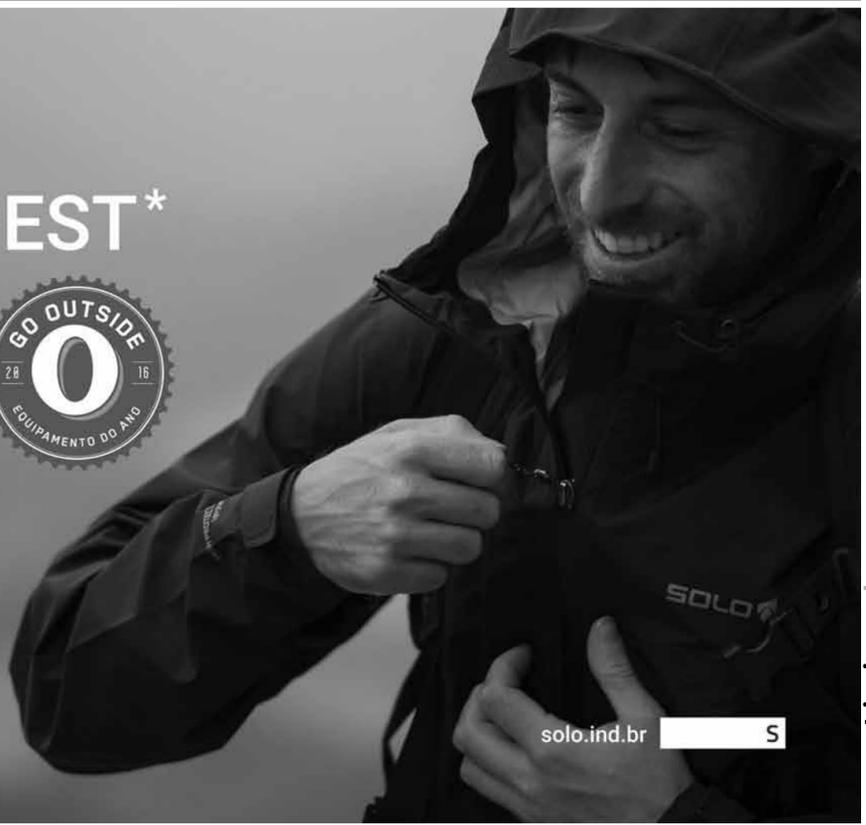
JAQUETA TEMPEST*

ELEITA PELA SEGUNDA VEZ A MELHOR JAQUETA IMPERMEÁVEL PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS DA REVISTA GO OUTSIDE.



Impermeável e Respirável
(15000 / 15000)

*A Linha Tempest é composta por jaquetas e calças femininas e masculinas.



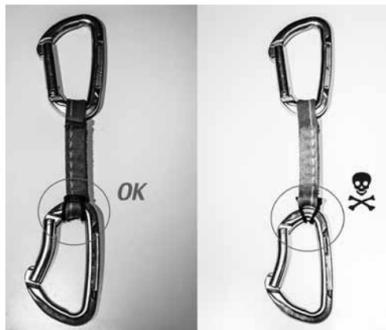
solo.ind.br **S**

www.mountaininvoices.com.br



Quando o pior acontece

Texto + Imagens: Roni Andres



De tempos em tempos reorganizo meus livros e revistas, e quase sempre me perco por um bom tempo olhando fotos e relendo matérias, uma coisa que não me incomoda por nada, ao contrário, me faz bem. Porém na última vez que fiz isso, me deparei com um editorial de uma revista de escalada italiana que me deixou muito triste porque falava de alguém diretamente ligado a minha pessoa e que me fez refletir novamente e profundamente a importância da segurança e a atenção na escalada.

Em 2011 estávamos eu e minha esposa Dir Ruffato, escalando em Ceuse no setor *La Cascade*. Após o meio dia com sol e um pouco menos frio é quase impossível escalar nesse setor, então nos dirigimos para o setor *Berlin* perfeito para tarde. Chegando lá, me dei por conta que tinha esquecido minhas sapatas na base das vias do *La Cascade* e tive que refazer toda a trilha. Quando voltei a Dir estava conversando com um senhor muito gentil e seu filho. Muito sem jeito, esse senhor teria pedido qualquer coisa para seu filho comer. O motivo: eles tinham previsto a escalada só de manhã, mas a motivação do guri era tamanha que seu pai acabou aceitando ficar também de tarde. Prontamente Dir com seu instinto de mãe, ofereceu o que tínhamos, mas o miúdo garoto aceitou só uma barra de cereais. Naquela tarde sem saber tínhamos iniciado uma amizade com Giovanni e Tito Traversa, uma grande promessa da escalada italiana. Naquele final de tarde enquanto descíamos a trilha em direção ao camping, Tito e seu pai estavam na estrada em direção a casa, Tito depois daquela barra de cereais e um pouco de descanso tinha encadenado *Petit Tom 8a*

(fr) no segundo pegue com apenas 9 anos de idade. Depois dessa viagem mantivemos sempre contato, pois pai e filho haviam seguido pra Arco, e por duas vezes, ficaram na nossa casa durante o final de semana.

Em 2013, recebi uma mensagem, alguns dias depois da volta de uma viagem que fiz para Ceuse e Orpierre na França, com meu amigo Naoki Arima, do pai de Tito, dizendo que ele estava hospitalizado e que não estava nada bem. Havia sofrido um acidente justamente naquela falésia de Orpierre, onde tínhamos escalado alguns dias antes. Lembro-me que foi um verdadeiro choque para mim, principalmente porque conhecia Tito e porque se tratava de uma criança. Respondi, sem fazer perguntas, somente oferecendo ajuda no que fosse ao nosso alcance e que tudo daria certo. Depois disso comecei a pensar em tudo o que poderia ter acontecido para provocar um acidente violento assim. Tito estava com um grupo de jovens e alguns adultos instrutores para um final de semana de escalada em Orpierre, a viagem foi organizada por uma Associação de escalada e era a primeira vez que ele

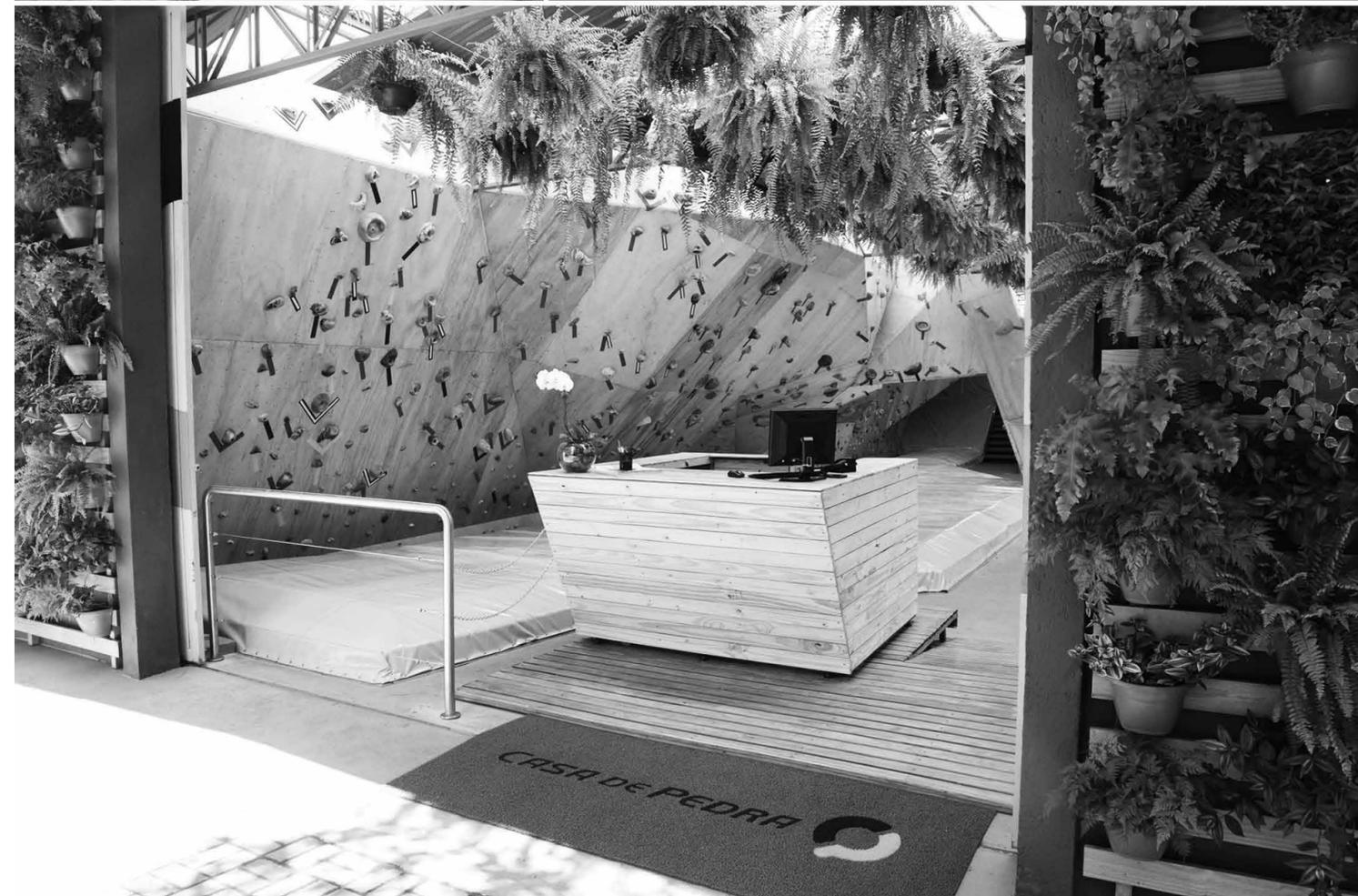
saía pra escalar sem alguém da família junto. Na hora me veio tudo em mente, corda em quina, nó mal feito, mosquetão aberto, grigri ao contrário, grampeação velha, enfim tudo aquilo que poderia ter provocado o acidente. Tito escalava uma via, no seu rack as costuras de uma menina do seu grupo, chegando na corrente clipou o ultimo mosquetão e pediu pra travar, mas fez um voo de 20 metros caindo a terra e sofrendo varias lesões graves. Das 12 costuras 8 foram montadas erradas e por ironia do destino, se assim podemos dizer, aquelas montadas certas estavam todas no início da via. No dia cinco de julho de 2013 Tito nos deixou com apenas 12 anos, quando estava na falésia escalava já seus 8b+ (fr) como gente grande, mas quando vinha nos visitar na loja brincava de se esconder atrás das roupas como a criança que era. Existe um processo em andamento até hoje com o objetivo de determinar um responsável pelo ocorrido, envolvendo a Associação, instrutores e até mesmo o fabricante do material em questão. Afinal de contas quando nos responsabilizamos por alguém, seja criança ou adulto, por trabalho

ou diversão, temos o dever de controlar todo o material e redobrar nossa atenção para que tudo saia como o previsto.

Devemos nos conscientizar que a escalada é segura se bem feita e com equipamentos adequados, atualizações também são sempre necessárias no que diz respeito a novas técnicas e equipamentos, porque basta uma desatenção e os incidentes podem ocorrer com qualquer um de nós; próprio onde um neófito erra por falta de conhecimentos, um experto pode errar por excesso de confiança e o resultado final será sempre o mesmo. Pra finalizar, esteja sempre atento nos seus equipamentos e naqueles do seu companheiro (a), a comunicação também é muito importante, vários acidentes acontecem porque um escalador (a) sempre... "pensava que". E o mais importante, jamais utilize equipos sem o total conhecimento dos mesmos, ou sem antes haver instruções de uma pessoa experiente.

Boas escaladas a todos.

Roni Andres tem apoio de Five-Ten.



CASA DE PEDRA

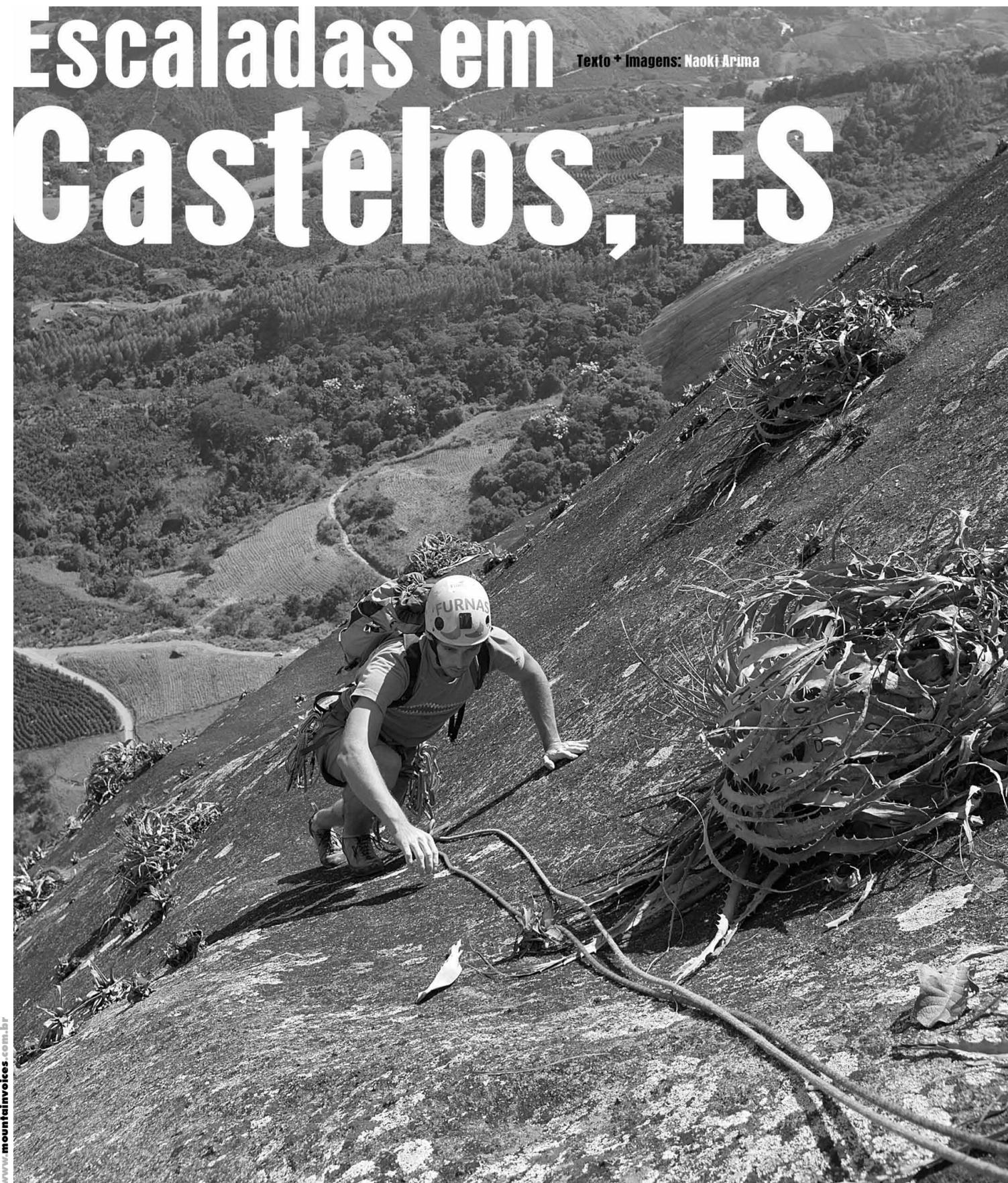
Uma mensalidade, dois endereços para escalar!

Venha conferir a nova Casa de Pedra em MOEMA!

Al. dos Guaramomis, 256 - Tel. 11 4563-2903
www.casadepedra.com.br

Escaladas em Castelos, ES

Texto + Imagens: Naoki Arima



Quando falamos de Escalada Capixaba, talvez a primeira coisa que vem à mente seja a Pedra Azul em Domingos Martins; algum montanhista mais viajado vai lembrar das montanhas de Pancas, no norte do Estado; e outras lembrarão dos famosos Cinco Pontões de Itaguaçu/Laranja da Terra. No entanto, em termos estatísticos, a “desconhecida” cidade de Castelo, distante a apenas 150km da capital Vitória (Espírito Santo), detém o título de maior polo de escalada do Espírito Santo totalizando 88 rotas entre vias tradicionais e esportivas.

Em termos de escalada esportiva, a Falésia de Apeninos e de Furlan (vide Mountain Voices #153) são as mais importantes, totalizando 51 vias que vão do 4º grau até 9b de dificuldade.

A Falésia de Apeninos foi descoberta por escaladores locais no final da década de 90 e ali conquistaram uma via tradicional no totem principal da pedra. Em 2010, a falésia foi “redescoberta” pelos escaladores Caio “Afeto”, Diogo “Rebit”, Naoki Arima e Roney “DuNada” que iniciaram a conquista e equipagem de várias vias esportivas. Atualmente, a falésia conta com 41 vias com dificuldade máxima de 9a. Dentre tantas vias, algumas já se consagraram como “must to do”, a exemplo da via *Castelo Rá-tim-bum* (VI, 30m), considerada por muitos como a melhor via de sexto grau do estado.

A Falésia de Furlan distante a apenas 30 minutos de carro de Apeninos, junto a famosa Cachoeira do Furlan é outra área de escalada conhecida pela concentração de vias difíceis. A falésia principal está localizada num bloco isolado, junto aos cafezais que dominam a paisagem da região. A principal característica desta falésia é o estilo boulderístico num granito de excelente qualidade e negatividade pouco visto no Estado. O destaque fica para a belíssima via *Capuccino* (9b) que transcorre pela maior extensão do granito branco. Além desse bloco principal, no entorno da área de camping há uma meia dúzia de pequenos blocos que contemplam vias mais curtas e fáceis.

Em termos de vias tradicionais, a região de Castelo é um mar de granito ainda a ser descoberto e desenvolvido. Atualmente, conta com apenas 25 vias tradicionais concluídas, o que é um número muito baixo diante do potencial da região.

As vias tradicionais estão concentradas em duas áreas principais: na região de Estrela do Norte, à oeste da cidade, e na região do Forno Grande, ao norte.

A região de Estrela do Norte, que abrange ainda as localidades de Arapoca e Vale da Lembrança, possui uma das paisagens mais espetaculares do estado. A região é um grande vale cercado por muralhas de granito escuro que facilmente chegam a 400m de altura por quase 10km de extensão. Há quem diga que as montanhas de Pancas sejam o “Yosemite Capixaba”, mas quando conhecerem as montanhas de Estrela do Norte talvez mudem de ideia.

Dentre as várias montanhas da região, sem sombra de dúvida, a mais icônica seja a Pedra do Fio que está localizada na entrada do vale e recebe os visitantes que adentram na região de forma intimidadora. Nesta pedra, na década de 70, Jean Pierre von der Weid, George White, Heckel C. Bastos e James Desrosiers abriram uma das vias mais icônicas da região (*Chaminé do Totem*, 6º, VI, A1, E4, D4, 700m) que até os dias de hoje não teve repetição. Em 2015, a mesma parede recebeu outra via de grosso calibre pela face oposta, com a conquista da via No Fio da Navalha (6º, VIIIa, A1, E3, D4/D5, 700m) pelos escaladores Edemilson Padilha, Valdesir Machado e Élcio Muliki. Além dessas duas vias casca grossas, há ainda, mais 10 vias tradicionais mais acessíveis como a via Planeta Vermelho (4º, IV, E2, E2, 440m) conquistada pelos escaladores locais Roney DuNada e Eduardo Castelletti em 2015.

Para mostrar melhor o potencial do vale, em meados deste ano, a região de Estrela do Norte será o palco do 11º Encontro Capixaba de Escalada do Espírito Santo, organizado pela Associação Capixaba de Escalada – ACE. Além deste evento, um pouco antes, em maio, Castelo também irá sediar a Abertura da Temporada de Escalada, um tradicional evento do calendário capixaba que acontece desde 2010.

A região do Forno Grande é um imenso complexo granítico com diversos

picos espalhados no entorno da maior montanha da região, o Pico do Forno Grande (2089m de altitude) que está dentro do Parque Estadual do Forno Grande.

Atualmente, a escalada ao cume desta montanha está proibida pela administração do parque, mas graças aos esforços da Associação Capixaba de Escalada, este quadro está sendo revertido e num futuro breve, assim que forem concluídas as manutenções da via de acesso, a montanha estará liberada para comunidade. Fora do parque, a região conta com 13 vias tradicionais, com destaque para a via da *Conquista* (3º, IV, E2, D1, 160m) da Pedra Pontuda, aberta em 1978 pelos escaladores Francesco Berardi, Jessé Ferreira e Mário Arnaud que leva a um dos cumes mais belos da região. A escalada transcorre por um sistema de fendas com uso constante de material

móvel, inclusive nas paradas, em terreno fácil, sempre com um agradável clima de montanha como plano de fundo. Outra via recente da região que se destaca pela dificuldade técnica é a via *Última Cartada* (6º, VIIa, A1, E2, D2, 480m) conquistada em 2014 pelos escaladores Naoki Arima, Caio “Afeto” e Roney “DuNada” que na seção intermediária conta com duas enfiadas contínuas de agarrência de sétimo grau de dificuldade.

Mas talvez, a grande gema da escalada de Castelo nem seja as rochas e as escaladas, mas sim a hospitalidade do povo local. Pessoas simples e de coração amável, estes moradores privilegiados sempre recebem os escaladores de abraços abertos e não hesitam em ajudar “os loucos” no incompreensível desejo de subir uma pedra para descer depois, sem receber nada por esse sofrimento.

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA
Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

CLASSIFICAÇÃO TÉCNICA DE CAMINHADAS

TEXTO: ANTÔNIO PAULO FARIA

O sistema de classificação de trilhas no Brasil, pelo menos o vigente até 2017, carrega equívocos que foram se acumulando com o tempo e podem causar situações reais, como esta - Uma pessoa se acidentou gravemente numa trilha guiada profissionalmente, cuja classificação constava como sendo “caminhada moderada superior”, e a família entrou com um processo judicial contra o guia. O despacho do juiz foi o seguinte: “Ao meu entender, caminhada é feita com as pernas e pés. A vítima foi enganada porque se acidentou numa escalada, portanto, a total responsabilidade é do acusado que a partir de agora é réu e terá que cumprir com as devidas penas...”

O mesmo pode acontecer se o acidente for dentro de uma caverna ou dentro de um rio, e o passeio ter sido vendido como “caminhada”. Ou seja, essas trilhas não estão corretamente regulamentadas por falta de critérios de classificação claros. O sistema de classificação de trilhas vigente até 2017 pode acarretar em interpretações errôneas, ao ponto de algumas pessoas considerarem uma verdadeira escalada técnica de rocha como “caminhada”, além de outros exemplos. Muitas trilhas de montanhas no Brasil não podem ser classificadas apenas como caminhada porque possuem partes íngremes com escalada de vegetação, blocos de rocha, trechos curtos com escalada de agarras ou fendas, descida com corda, travessia de cavernas e cruzamento de rios. Essas trilhas tão pouco podem ser classificadas como escalada ou espeleologia, ou seja, existe um meio termo que causa muitos problemas e os sistemas de classificação de caminhada e de escalada não conseguem graduá-las adequadamente, como já havia sido dito por Faria (2006). Para isso é necessário um terceiro tipo de classificação sugerida neste trabalho, es-

pecífico para “trilhas técnicas”, e que ainda não existe no Brasil. A aplicação de uma graduação como esta pelos guias, clubes e empresas pode prevenir (ou minimizar) futuros acidentes, ou mesmo criar base para amparar legalmente os usuários.

Caminhadas no Brasil: Um Breve Histórico

Antes dos anos 1800 grupos de pessoas civis já faziam caminhadas por lazer, no entanto, a partir dos anos 1900 essa atividade passou a ser organizada. Obviamente caminhada sempre existiu, os índios brasileiros caminhavam centenas de quilômetros antes dos europeus chegarem. Boa parte dos traçados das principais rodovias brasileiras, como a (BR116) ou a (BR101), entre muitas outras, eram largas trilhas indígenas. Militares, paramilitares e milicianos fizeram travessias gigantescas de milhares de quilômetros por todo o território brasileiro durante os séculos 19 e 20, às vezes eram percorridos a pé quase 70 km em um dia. Em 1916 o Marechal Rondon fez uma longuíssima marcha para subir o Monte Roraima para demarcação

de fronteira.

Ao longo do século 19 (de 1801 a 1900), já era comum grupos de pessoas andarem em trilhas longas como recreação, por exemplo, entre os anos 1860 e 1910 o carioca Marc Ferrez subiu com outras pessoas muitas montanhas no Brasil, como mostram muitas de suas fotos (Ferrez, 2015). O Maciço do Marumbi, no Paraná, também recebia grupos de caminhada pelo menos a partir de 1870, conforme Hartmann (2007). Grupos organizados que incluíam imigrantes germânicos já faziam caminhadas em Itatiaia antes de 1900, como mostra Lucena (2008). Os clubes de excursionismo do Rio de Janeiro passaram a organizar caminhadas de forma sistemática a partir de 1919, mas não existia uma graduação, tanto a caminhada como a escalada nacional eram basicamente copiadas dos militares, incluindo as vestimentas, calçados, mochilas e cantis. Aliás, era comum caminhar com espingarda. Por exemplo, a primeira subida (documentada) das Agulhas Negras teve o lance de escalada final feito com ajuda de uma espingarda. Até um tempo atrás chamavam essa subida de

“Caminhada das Agulhas Negras”, apenas recentemente passaram a graduar como escalada, todavia, essa linha também não se encaixa propriamente em modelo de escalada.

Antigamente não havia distinção entre escalada e caminhada de montanha, eram consideradas a mesma coisa, isso foi mudar apenas a partir da terceira década do século 20 com a consolidação do Centro Excursionista Brasileiro (CEB) e do Centro Excursionista Rio de Janeiro (CERJ), e com a influência dos imigrantes alemães, austríacos e suíços, que eram relativamente numerosos nessas agremiações (**Figura 1**).

Surgiu nessa época a graduação das caminhadas que era dividida em 3 níveis, baseada no militarismo, entretanto, a palavra militar usada era “marcha”. Marcha leve, marcha moderada e marcha pesada. A partir dos anos 40 passaram a graduar a dificuldade das linhas de escalada técnica nas montanhas, sendo adotando o sistema usado pela União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA), com níveis



Figura 1- Imigrantes alemães em 1930 fazendo uma típica escalada de vegetação nas proximidades das Prateleiras (PNI RJ). Foto de autor desconhecido.

representados pela numeração romana, subdivididos em (-) inferior e (+) superior: I-, I+, II-, II+... VI- e VI+. O sistema de classificação de caminhada passou a copiar essa subdivisão da seguinte forma: leve, leve superior, semimoderada, moderada superior, semipesada, pesada e pesada superior.

Posteriormente outros clubes foram fundados no Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo fundamentais na implementação e organização de caminhadas e escaladas no País, dando grandes contribuições, conforme (Faria, 2006). Todavia, essa classificação é baseada em subjetividades, não segue critérios técnicos bem definidos e dá margens a má interpretação. Tal classificação nasceu dentro do CEB para ser usada nas montanhas do Rio de Janeiro e passou a ser adotada pelas agremiações de outros estados. Porém, existem diferenças geológicas, geomorfológicas e ambientais em todos os cantos do País, com cânions, cavernas, cruzamento de rios largos e travessias de costa rochosa repleta de campos de blocos e costões. Ou seja, tal classificação passou a não atender as necessidades de outras regiões brasileiras. O nível máximo era caminha pesada superior e o exemplo mais conhecido era a travessia Petrópolis-Teresópolis (RJ). No final dos anos 1980 e década de 1990 as caminhadas organizadas saíram da exclusividade dos clubes e tentaram seguir modelo independente, surgiu aqui os “trekkings”, que queria dizer caminhada de travessia longa que normalmente exigia alguns dias. Em 1986 a extinta rede de academias de ginástica Corpore inaugurou tal sistema no Rio de Janeiro. Logo depois o Camping Clube do Brasil começou a fazer o mesmo, mas oferecendo certa infraestrutura, como a travessia Prado-Porto Seguro, na Bahia. Na mesma época surgiram em São Paulo algumas empresas de “trekking”, oferecendo serviços de forma mais profissional.

A partir do ano 2000 a travessia da Serra Fina (MG-SP-RJ) ficou famosa e notaram que ela era mais extensa que a Petrópolis-Teresópolis. Posteriormente perceberam a existência de várias outras caminhadas “esportivas” com extensão superior a 50 km. Depois foram ligadas uma travessia à outra, somando as distâncias, dando origem a travessias excepcionalmente longas, como a Andaraí-Pati-Lençóis, que é secular, existindo muito antes da formação dos clubes de excursionismo. Recentemente foi criada a Transmantiqueira, de aproximadamente 350 km, além de outras. Daí surgiu a demanda para outros níveis de graduação e durante um congresso realizado no Rio de Janeiro em 2014, foram adicionados os níveis “caminhada extra pesada” e “longo curso”. Com isso a graduação nominal qualitativa perdeu a progressão lógica, que pelo menos havia antes. Além disso, “caminhada pesada superior” parece sinônimo de “caminhada extra pesada”. O termo “longo curso” destoa do resto, embora na descrição fique mais claro. Em 2015 a Federação de Esportes de Montanha e Escalada do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) formalizou a nova metodologia de classificação de trilhas, como segue o exemplo na tabela 1. Tal nomenclatura do grau qualitativo, de acordo com a primeira coluna da tabela 1, poderia ser substituída por grau numérico ou alfanumérico, para dar espaço para futuras expansões para níveis ainda mais difíceis, sem ter que adotar nomes discrepantes, como os usados atualmente. As descrições metodológicas expostas em FEMERJ (2015) não seguem critérios claros, tomando a classificação subjetiva. A partir disso surgiram exemplos completamente equivocados, que misturavam caminhada com escalada, mas sendo que o objetivo chave era criar metodologia para classificar caminhada.

Tabela 1 – Níveis de dificuldade das caminhadas - Fonte, FEMERJ (2015).

Grau qualitativo- Descrição aproximada da FEMERJ	Leve- Até 3 km ou desnível vertical de até 400 m;
Leve superior- Até 6 km ou desnível de até 600 m;	
Moderada- Até 12 km ou desnível de até 800 m;	
Moderada superior- Até 18 km ou desnível de até 1200 m;	
Pesada- Até 24 km ou desnível de até 2000 m;	
Pesada superior- Até 36 km, ou desnível acima de 2000 m;	
Extra pesada- Acima de 36 km, ou com desnível acima de 2000 m;	
Longo curso- Maior que 50 km (sem desnível indicado).	

E assim, um grande número trilhas de montanhas, costa rochosa e cânions não podem ser classificadas tecnicamente, se forem seguidos os critérios de caminhada e escalada. Por exemplo, como classificar uma trilha que tem longos trechos íngremes de escalada pela vegetação, onde subimos agarrados em bromélias e raízes frágeis? Isso é muito comum nas serras brasileiras. Também é muito comum trilhas com escalada em blocos; em paredes com agarras, fendas ou costões íngremes; algumas travessias passam por cavernas acidentadas que jamais poderiam ser classificadas como caminhada; vias equipadas com cabo de aço ou escada de ferro também não são caminhadas; em várias linhas classificadas como caminhada são necessárias descidas de corda; outras passam por dentro de rios largos que necessitam equipamentos especiais para atravessar. Surge aí a demanda para outro tipo de classificação para graduar outra classe

de trilha, o que já é prática tradicional na América do Norte, Europa e alguns países da Oceania e África. Por falta de um nome melhor, neste trabalho é adotado o termo “Trilha Técnica”.

Caracterização de Trilha Técnica

No Brasil é usado de forma genérica o termo “escalaminhada” quando uma trilha tem algum lance de escalada, ou seja, não é uma simples caminhada, é preciso ter alguma técnica para subir blocos, escalar pequenas paredes, chaminés e costões, ou atravessar corredores horizontais apertados. Os norte-americanos e canadenses dividem o montanhismo da seguinte forma: caminhada, “escalaminhada” (scrambling), escalada exposta de rocha, escalada técnica de rocha e escalada técnica de gelo, como descrevem Graydon (1992) e Ortenburger & Jackson (1996). Porém, existem ainda outras formas de classificar e nenhuma é oficial, são todas sugestivas. Na Europa também tem classificações com graduações específicas para essas modalidades e existem livros e guias que tratam exclusivamente de cada uma delas.

Todavia, voltando ao Brasil, “escalaminhada” não faz muito sentido quando atravessamos grutas e cruzamos rios largos. Algumas pessoas sugeriram a adoção de modelos estrangeiros para classificar trilha técnica no Brasil, como a americana ou suíça, todavia, essas classificações foram elaboradas para climas temperados e ambientes alpinos, que são muito diferentes das condições ambientais encontradas nos climas tropical, subtropical e tropical de altitude, por isso é melhor criar um sistema próprio, como é justificado no texto.

Nas montanhas brasileiras muitos trechos de escalada em rocha foram equipados com cabo de aço para facilitar a ascensão, a “Caminhada do Dedo de Deus” que dá acesso aos picos (com exceção do dedo indicador, o mais alto) na verdade segue por uma longa encosta rochosa equipada com cabo de aço. Hoje isso é conhecido como via ferrata, como é também a linha normal de acesso norte da Pedra do Baú (SP), equipada com degraus de vergalhão. Ou seja, com a evolução dessas atividades no Brasil e com o surgimento de centenas de milhares de praticantes e um grande número de trajetos abertos, tornou-se necessário separar essas atividades: escalada é uma atividade distinta; caminhada diz respeito ao deslocamento com as pernas e pés; no meio fica a “trilha técnica” que é um conjunto de atividade híbridas que precisa ter classificação à parte.

Fora das montanhas existem outros exemplos. Existem muitas caminhadas no Brasil para acessar cachoeiras que são tipicamente trilhas técnicas, algumas seguem por dentro de cânions, ou mesmo por dentro do leito pulando e escalando blocos de rocha e avançando também por dentro do fluxo de água. Como exemplo algumas cachoeiras da Chapada Diamantina (BA): Trilha da Cachoeira do Sossego e Travessia da Cachoeira da Fumaça. Existem algumas que tem trechos de escalada, como a Travessia do Cânion do Travessão, na Serra do Cipó (MG) e Trilha da Cachoeira da Fumacinha em Ibicoara (**Figura 2**).

Essas trilhas são complexas ainda por serem cânions profundos, expostos periodicamente aos fluxos torrenciais repentinos, conforme Faria (2000), onde a taxa

de fatalidade cresce a cada ano.

Na costa rochosa de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro existem muitas travessias complexas que são feitas entre grandes quantidades de blocos rochosos, que exigem técnicas de escalada e conhecimento sobre a oscilação da maré, inclusive existe classificação para isso, conforme estudos de Faria (2016 e 2018). Muitos dos chamados “caminho de pescador” são dotados de passagens técnicas com lances de escalada e cordas fixas, com alto risco de fatalidade.

Todos esses exemplos justificam o termo trilha técnica porque abrangem outras formas de deslocamento, com escalada e descida técnica de corda, enquanto “caminhada” fica restrita ao deslocamento pelo simples ato de andar. Seguem 10 exemplos diferentes e conhecidos que já foram ou são classificados equivocadamente como caminhada:

- 1 - Normal das Agulhas Negras (PNI-RJ) – Trechos de escalada em costão, paredes e blocos.
- 2 - Trilha da Pedra da Gávea (RJ) – Trecho de escalada em parede e em blocos.
- 3 - Crista do Pico do Escalavrado (PNSO RJ) – Longos costões e trechos de escalada.
- 4 - Trilha Noroeste do Gigante-Olimpo (PR) – É preciso subir longos trechos de costão rochoso íngreme equipados com correntes finas.
- 5 - Pico Médio de Friburgo (RJ) – É preciso escalar pela vegetação, blocos e costão íngreme.
- 6 - Sul da Pedra do Baú (SP) – Longos trechos íngremes com degraus de vergalhão.
- 7 - Travessia G1-G3 do Morro da Pedreira (MG) – Travessia de cavernas, costões de calcário e blocos.
- 8 - Circuito do Lapão (Lençóis BA) – É necessário atravessar caverna de centenas de metros sem luz natural, com subida e descida de paredes rochosa e blocos.
- 9 - Travessia do Cânion Malacara (RS/SC) – É necessário fazer diversas descidas técnicas de corda.
- 10 - Travessia Andaraí-Pati-Lençóis (BA) – Várias travessias de rios que podem ser problemáticas durante as chuvas. Os exemplos são muitos, mas o mais emblemático é o uso do Pico do Cabeça de Peixe (PNSO) como modelo de caminhada pesada, exposto na Metodologia de Classificação de Trilhas de Caminhada, publicada pela FEMERJ (2015). Essa subida tem pouco de caminhada, é um trajeto muito íngreme e exposto, com desnível vertical de quase 1200 m. É preciso escalar pela vegetação, têm lances de blocos, subida de aderência em costão e trechos

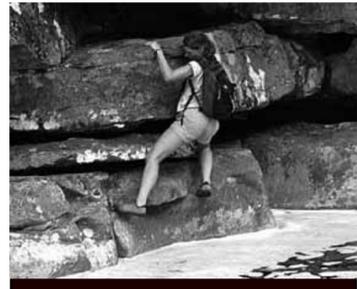


Figura 2- Trecho técnico mais difícil, entre muitos outros, para acessar a Cachoeira da Fumacinha após uma longa subida pelo cânion. Ibicoara (BA). Foto: Antonio Faria.

de parede e fendas verticais equipadas com cordas fixas que estão podres. Sem essas cordas a subida pode ser classificada como escalada técnica de nível moderado para um escalador, mas pode ser extremo para um não-escalador. A subida dessa montanha pode ter dificuldade equivalente à escalada do Dedo de Deus. Ou seja, isso jamais poderia ser classificado como caminhada. Outro exemplo curioso na mesma tabela da FEMERJ é o acesso normal da Pedra da Gávea (RJ), classificada como modelo de "Caminhada Moderada Superior". Além de existir alguns lances de bloco fáceis, há um trecho de escalada pura onde muitos usam corda para descer.

Como Classificar a Dificuldade da Trilha Técnica

Como já foi exposto anteriormente, a proposta é criar uma classificação que leve em consideração a extensão e/ou desnível vertical, junto com a dificuldade técnica, apresentada por trechos com escalada de blocos, paredes com agarras e fendas, escalada pela vegetação, descida com corda, travessia de cavernas e cruzamento de rios.

Como base é usado o modelo de classificação de trilhas publicado na FEMERJ (2015), porém, simplificado em 4 níveis, como mostra a tabela 2.

Tabela 2 – Simplificação do modelo de classificação de trilhas.

Sigla- Graduação- Descrição resumida
L- Leve- Até 6 km ou desnível de até 600 m;
M- Moderada- Até 24 km ou desnível de até 2000 m;
P- Pesada- Até 36 km, ou desnível acima de 2000 m;
EP- Extra pesada- Acima de 36 km, ou desnível maior que 2000 m

Trilhas técnicas com escalada em rocha

A situação mais comum numa trilha técnica são trechos curtos com blocos rochosos, costão e/ou parede de rocha que podem ter agarras ou fendas, além de chaminés. As classificações das dificuldades desses tipos de escalada são bem conhecidas e difundidas, entretanto, seria complicado usá-las em um sistema híbrido como o presente, sendo assim, para isso foi criada uma escala simplificada. O nível "extremo" adotado aqui pode ser considerado "mediano" para um escalador experiente, ou seja, são classificações com objetivos distintos (Figura 3).

O termo "altura do peito" é usado aqui como referência para a escalada de bloco, platô de vegetação ou de terra. Abaixo desse nível é considerado fácil, acima pode ser moderado ou difícil. Isso é baseada em experiência de campo (tabela 3). Pode-se considerar ainda que o trecho de escalada deve ser menor que 20 m de altura (vertical), inclinação máxima de 80° e conter em abundância bons apoios (agarras) para mãos e pés em função da resistência física dos braços de uma pessoa não-escaladora. Situações acima desses parâmetros deve ser entendida como escalada de técnica de rocha, e não trilha técnica.

Como foi exposto anteriormente, essas trilhas não são restritas aos ambientes de montanha, na costa rochosa das regiões Sul e Sudeste existem muitas trilhas com situações parecidas. O mesmo ocorre em trilhas dentro de cânions para acessar cachoeiras. Um exemplo que pode calibrar



Figura 3- Escalada de costão para acessar cume de um pontão em Afonso Cláudio (ES). Nível 2 (médio).

este modelo é o Costão do Pão de Açúcar (RJ), que é o mais conhecido.

Tabela 3 – Graduação de escalada em rocha nas trilhas técnicas.

1- Fácil- Escalada de bloco com altura máxima na linha do peito;
- Costão menor que 30 m de extensão com rocha lisa até 30° de inclinação ou rugosa até 45° de inclinação e;
- Chaminé curta entre 0,4 e 0,7 m de largura;
- Geralmente não é necessário o uso de equipamento de segurança.

2- Moderada- Escalada de vários blocos sucessivos com altura na linha do peito;
- Parede rochosa com inclinação em torno 45° de inclinação, menos de 20 m de altura e com agarras grandes e abundantes que cabem mãos e pés;
- Fenda de até 0,3 m de largura que cabem confortavelmente braços e pernas;
- Chaminé menor que 20 m de altura, entre 0,4 e 0,7 m de largura e boas agarras no interior;
- Dependendo da exposição à altura, pode ser necessário uso de equipamentos de segurança.

3- Difícil- Costão rochoso com centenas de metros de extensão, com inclinação entre 30° e 45°;
- Parede rochosa de no máximo 80° e até 20 m de altura, com abundância de agarras médias (cabem os dedos com todas as falanges);
- Fenda com até 0,3 m de largura com boas pegadas para as mãos;
- Chaminé com largura menor que 0,5 m ou maior que 0,7 m e sem agarras no interior.
- É recomendável equipamentos de segurança e pode haver necessidade de uso de material de escalada.

4- Extrema- Parede rochosa de no máximo 80° e até 20 m de altura, com agarras pequenas e médias (cabem entre uma e duas falanges dos dedos);
- Fenda menor que 0,1 m (10 cm) de largura com boas pegadas;
- Chaminé vertical lisa muito apertada (entre 0,3 e 0,4 m de largura) ou muito larga (mais de 1 m). É recomendável equipamentos de segurança e material de escalada.

Trilhas técnicas com escalada de vegetação

Este item também justifica uma classificação brasileira, ou tropical, em função da biodiversidade. As características descritas a seguir normalmente não são encontradas

em ambientes temperados e alpinos. Os paranaenses criaram o "grau de mata" (M) para as trilhas da Serra do Marumbi, em mata fácil, mata médio e mata difícil, de acordo com Hartmann (2007). Entretanto, eles não explicam tal graduação. No País existem faixas de altitudes, do nível do mar a 2900 m, com vegetação distinta, cada qual com características diferentes. Por exemplo, nos campos de altitude e nos campos rupestres das serras do Mar, Mantiqueira, Espinhaço e Geral existem bambus muito finos e pequenos arbustos com enorme resistência, além de gramíneas em grandes tufos. Nas áreas de altitudes mais baixas as raízes de arbustos e árvores fornecem ótimos apoios. Nos costões das áreas costeiras e também nas montanhas existem bromélias de diversos tipos que são usadas como apoio para mãos e pés. Com tanta biodiversidade, pode ser considerado o seguinte, de acordo com a Tabela 4:

Tabela 4 – Graduação de escalada de mata.

1- Fácil- Encosta com inclinação menor que 45°, com raízes e troncos firmes;
- Costão de até 45°, com abundância de bromélias ou outro tipo de vegetação;

2- Moderada- Encosta maior que 45°, com raízes e troncos firmes;

3- Difícil- Encosta maior que 45° como bambu fino ou vegetação rala;
- Platô de vegetação com altura acima da linha do peito, em parede rochosa acima 70°;
- Arbustos finos com base acima da linha do peito, em parede rochosa acima 70°;
- Dependendo da exposição à altura, é recomendável uso de equipamentos de segurança.

4- Extrema- Encosta com inclinação maior que 45° com poucas bromélias e/ou graminéa e musgo;
- É recomendável uso de equipamentos de segurança.

Trilhas técnicas com descida de corda

As descidas com corda podem ser simples, por exemplo, quando é possível usar as mãos como freio. Podem ainda ser complexas, quando é necessária aplicação de conhecimento técnico usado na escalada e na espeleologia. Atualmente se tornou popular o uso do termo "rapel" para descida com corda como atividade de lazer. Contudo, isso é apenas uma técnica, existem várias outras. Em geral, nas trilhas técnicas em montanhas que possuem trechos de escalada, é necessária corda para fazer a descida com segurança. Em alguns casos a descida é feita por caminhos diferentes da subida, com a necessidade de longas descidas de corda de até 30 m. Por outro lado, em muitas trilhas de travessia pode não haver a necessidade de escalar, mas pode ser preciso usar corda para descer alguns trechos, como exemplo a travessia do Cânion Malacara (RS/SC).

Foi usado o limite de 30 m em função do comprimento padrão médio das cordas de escalada, que medem 60 m. Para realizar a descida e a recuperação da corda, ela passada por dentro de grampos ou por detrás de árvores, e é dobrada na metade, como mostram muitos manuais de escalada. Desta forma, podemos ter as seguintes situações, como mostra a Tabela 5 e

Figura 4:

Tabela 5 – Graduação das descidas com corda.

1- Fácil- Trecho de descida menor que 10 m de altura, em encosta com menos de 45° de inclinação. Pode se descer usando as mãos como freio;

2- Moderada- Descida de encosta com até 30 m de altura e menor que 45° de inclinação. Recomenda-se usar equipamentos técnicos.

3- Difícil- Descida de parede rochosa vertical ou com inclinação negativa, menor que 30 m de altura. Equipamentos técnicos são indispensáveis.

4- Extrema- Parede vertical ou negativa com mais de 30 m de altura, com possibilidade de descidas longas sucessivas. Equipamentos técnicos são indispensáveis.



Figura 4- Descida técnica de corda do Pico do Cabeça de Peixe (PNSO RJ). Essa trilha tem três descidas de corda que exige equipamentos específicos, e outras que a mão pode ser usada como freio. Somente este quesito a torna tecnicamente difícil. Foto: Antonio Faria.

Trilhas técnicas com cruzamento de rios e mar

Independente da largura, muitos rios rios com profundidade abaixo da linha do joelho podem ser atravessados andando normalmente, entretanto, existe uma variedade enorme de tipologias fluviais, de acordo com Knighton (1984), e as vazões oscilam muito em poucos dias. Geralmente os rios que precisam ser cruzados por dentro e que oferecem dificuldade, tem largura maior que 2 m. Pode ser fatal um curso fluvial com esta largura, profundidade de 1,5 m e correnteza com velocidade de 1 m/s. Lembrando que a profundidade e a velocidade das correntes mudam sazonalmente e as pessoas possuem estaturas diferentes. A profundidade de segurança adotada aqui é a da linha da cintura (± 1 m) e a velocidade crítica do fluxo de água é de 0,1 m/s (= 1 m em 10 s), que pode ser calculada facilmente com objetos flutuantes. Essa velocidade pode ser insignificante na altura do joelho, mas ao nível da cintura passa a exercer pressão

maior e na altura do peito pode desestabilizar uma pessoa, conforme Faria (2000). Um indivíduo carregando nas costas mochila grande e pesada, se for derrubado pela correnteza pode se afogar em profundidade menor que 1 m. Ainda tem o agravante da mochila absorver água e ficar ainda mais pesada, como descreve Faria (2006). Em muitas situações pode ser necessário corda para segurança, todavia, existem técnicas para esse tipo de uso. Em algumas travessias de litoral rochoso há trechos onde é preciso passar por dentro da água, às vezes é preciso nadar ou usar flutuadores, o que se caracteriza como passagem técnica. As travessias de cursos fluviais e marinhas podem ter as seguintes características, de acordo com a Tabela 6.

Tabela 6 – Graduação de travessia de rios e mar

1- Fácil- Rio raso e calmo: profundidade menor que 1 m e velocidade abaixo de 0,1 m/s. Geralmente tem fundo arenoso.
- Mar raso e sem ondas, geralmente tem fundo arenoso.

2- Moderada- Rio raso com corredeira: velocidade acima de 0,1 m/s; normalmente tem fundo pedregoso ou rochoso.
- Mar raso com ondas pequenas.

3- Difícil- Rio fundo e calmo: profundidade maior que 1 m e velocidade abaixo de 0,1 m/s. Pode necessário equipamentos de segurança.
- Mar fundo e calmo.
- Pode necessitar de equipamentos de segurança.

4 - Extrema- Rio fundo com corredeira: apresenta fluxo muito turbulento com fundo pedregoso ou rochoso.
- Mar fundo e com ondas.
- É recomendável equipamentos de segurança.

Dependendo da pluviosidade, um rio raso e calmo pode mudar em poucos minutos para fundo e turbulento, em função dos fluxos torrenciais repentinos. O cruzamento com mochilas grandes e pesadas pode se tornar inviável.

Trilhas técnicas com travessia de caverna e corredor estreito

Muitas trilhas técnicas cruzam terrenos que possuem cavernas de rochas distintas, inclusive nas montanhas. Elas podem variar entre poucos metros a centenas de metros de extensão. Todavia, essas travessias precisam ser simples, caso o contrário seriam atividades espeleológicas, que possuem regras específicas. Espeleologia é a ciência/esporte que explora exclusivamente caverna e se tornou muito bem organizada, inclusive com sistema de graduação próprio e muito bem definido, que classifica em: fácil, médio, difícil e extremo, conforme mostra Lobo et al. (2011). Na trilha técnica a caverna é apenas um terreno de passagem, e não o objetivo principal, como é na espeleologia. De acordo com Lino (2001) e Faria (2018), normalmente as cavernas são formadas por: sobreposição de blocos rochosos soltos, muito comuns nas serras brasileiras; erosão marinha em falhas geológicas ou em rochas intrusivas menos resistentes; erosão promovida pelos rios subterrâneos, especialmente em terrenos com rocha calcária. Existem trilhas técnicas que atravessam

terrenos com muitos blocos, como é o caso de extensos trechos do litoral das regiões Sul e Sudeste e do Planalto do Itaiaia (RJ/MG), além de muitas outras áreas. É muito comum nesse tipo de terreno a trilha passar por corredores horizontais apertados formados por fendas na rocha ou por blocos rochosos onde é usado técnica de escalada em chaminé, até mesmo para fazer travessias horizontais (Tabela 7 e Figura 5).

Tabela 7 – Graduação de cavernas e corredores para trilhas técnicas.

1- Fácil- Travessia de trechos curtos com corredores apertados;
- Travessia de cavernas horizontais curtas com luz natural;

2- Moderada- Travessia de corredores apertados onde pode ser necessário a aplicação de técnica de chaminé para movimentação horizontal;
- Travessia de cavernas curtas e sem luz natural.

3- Difícil- Travessia de cavernas longas sem luz natural, com muitos blocos ou espeleotemas no piso. Pode ser necessário subir e descer desníveis na altura do peito.

4- Extrema- Travessia de cavernas com centenas de metros de extensão com piso muito irregular e sem luz natural, com trechos internos de escalada e desescalada;
- Travessia de caverna íngreme e sem luz natural de dezenas de metros de extensão, onde pode ser necessária a aplicação de técnicas de escalada;
- Pode haver cruzamento de rios subterrâneos;

- É recomendado o uso de equipamentos de segurança.



Figura 5- Uma das travessias de caverna sem luz natural no Morro da Pedreira (Serra do Cipó MG). Este exemplo caracteriza uma passagem técnica de dificuldade média. Foto: Antonio Faria.

Forma de Classificar Trilha Técnica

De acordo com o exposto nas tabelas anteriores, é possível montar um quadro geral com a classificação final das trilhas técnicas, de modo a se diferenciar da caminhada, da escalada e da espeleologia, apesar dessas atividades estarem interligadas. A matriz exposta na tabela 8, a seguir,

mostra 16 possibilidades de graduação, combinando o nível da caminhada com o grau de dificuldade técnico. A graduação é dada em situação seca, sem água, sem gelo e sem neve, porque no Brasil não temos ambientes alpinos, apesar de tempos em tempos ocorrer formação de gelo e queda de neve em algumas trilhas. Obviamente o cruzamento dos rios é feito passando pela água.

Sistema de graduação de trilhas técnicas.

Nível da caminhada - Dificuldade - Grau da trilha técnica
L (Leve) - 1 (Fácil) - L1, L2, L3 e L4
M (Moderada) - 2 (Moderada) - M1, M2, M3 e M4
P (Pesada) - 3 (Difícil) - P1, P2, P3 e P4
EP (Extra pesada) - 4 (Extrema) - EP1, EP2, EP3 e EP4

Para calibrar este modelo a seguir foi elaborada uma lista com alguns exemplos bem conhecidos:

L1 – Travessia da Serrilha do Papagaio (PNT RJ) – Escalada de vegetação, blocos e passagens rochosas horizontais expostas.

L1 - Travessia G1-G3 do Morro da Pedreira (MG) – Travessia de cavernas, costões de rocha calcária e blocos.

L2 – Trilha da Face Sul da Pedra do Baú (SP) - Longos trechos verticais com degraus de ferro.

L3 – Crista do Escalavrado (PNSO RJ) - Trechos de escalada, longos costões íngremes e expostos.

L3 - Costão do Pão de Açúcar (RJ) – Trechos de escalada, blocos e costões.

L4 – Travessia Praia Vermelha-Leme (RJ) – Travessias horizontais de costões íngremes, lances de escalada e trecho feito nadando em águas profundas.

L4 – Circuito do Lapão (Lençóis BA) - Travessia de gruta longa e sem luz natural, com escalada e desescalada de rochas e blocos.

M1 – Trilha da Cachoeira do Sossego (Lençóis BA) – Escalada de bloco, pequenos trechos de escalada e cruzamento de rio.

M2 – Trilha da Pedra da Gávea (PNT RJ) – Trecho de escalada, escalada de bloco e descida com corda.

M3 – Trilha do Pico Médio de Friburgo (RJ) – Escalada de bloco e vegetação, costão e descida de corda.

M3 - Normal das Agulhas Negras (PNI-RJ) – Trechos de escalada, blocos, costão e descida de corda.

P2 - Trilha Noroeste do Gigante-Olimpo (PR) – Escalada de vegetação, longos trechos de costão íngreme equipados com correntes finas.

P3 – Normal do Pico do Garrafão (PNSO RJ) – Trecho de escalada, costões, escalada em vegetação, travessia de caverna com luz natural e descida de corda.

P3 - Travessia do Cânion Malacara (RS/SC) – Diversas descidas técnicas de corda.

P4 – Pico do Cabeça de Peixe (PNSO RJ) – Trechos de escalada, escalada de bloco e vegetação, descidas de corda.

EP2 – Travessia Andaraí-Pati-Lençóis (BA) - Várias travessias de rio.

EP2 – Transmantiqueira (SP-MG-RJ) –

Dependendo de como é feita, pode ter escalada de bloco/vegetação e costões.
EP3 – Pico do Yarijo (P.N. Pico da Neblina AM) – Escalada de bloco/mato e travessia de rios.

Conclusão

A classificação sugerida neste trabalho buscou, de forma simples, resolver um problema antigo de graduação de trilhas de montanha, que não podem ser denominadas de "caminhada", mas também não se encaixam nos modelos de escalada ou espeleologia. Todavia, também inclui trilhas fora do ambiente de montanha, que passam pela costa rochosa, ambientes fluviais e cavernoso. Ou seja, é uma classificação distinta que não substitui a graduação clássica de caminhada. Porém, sugere mudanças porque a metodologia de classificação de caminhada aceita até 2017 tem equívocos que dificultam graduar, deixando o usuário com dúvida, sem saber, ao certo, se trata-se de uma caminhada ou escalada. E isso pode levar à acidentes, que inclusive, estão se tornando comuns porque centenas de milhares de usuários, a maioria sem preparação adequada, estão frequentando as trilhas de montanhas, trilhas de cachoeiras e trilhas para praias isoladas na costa rochosa. Sendo assim, este documento visa dar embasamento técnico para classificação de trilhas técnicas, tornando-as. Entretanto, precisa ainda passar pelo crivo das federações e confederação dos esportes de montanha e escalada do Brasil.

Referências Bibliográficas

GRAYDON, D. Mountaineering: the freedom of the hills. The Mountaineers. Seattle. 447 p. 1992.
FARIA, A.P. Dinâmica geomorfológica da costa rochosa do Estado do Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Geomorfologia, V19 (1): 187 – 204. 2018.
FARIA, A.P. A Escalada Brasileira. Companhia da Escalada, 384 p. 2017.
FARIA, A.P. A costa rochosa brasileira, um mundo a ser explorado. Revista Montanhas, no 5: 64 – 68, 2016.
FARIA, A.P. Montanhismo Brasileiro Pai-xão e Aventura. Publit, 262 p. 2006.
FARIA, A.P. Córregos de alto risco. Ciência Hoje. V 28 no 165: 69 – 73. 2000.
FEMERJ. Metodologia de classificação de trilhas. V6.1. Outubro de 2015. www.femerj.org.
FERREZ, M. Rio. Editora Instituto Moreira Sales, 265 p. 2015.
HARTMANN, J.L. Marumbi: guia de escalada e introdução à história do montanhismo paranaense. 132 p. 2007.
KNIGHTON, D. Fluvial forms and processes. E. Arnold. London. 218 p. 1984.
LINO, C. F. Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo. Gaia, São Paulo, 288 p., 2001.
LUCENA, W.M. História do montanhismo no Rio de Janeiro. Publit, 264 p. 2008.
LOBO, H.A.S.; SCALEANTE, J.A.B.; RAS-TEIRO, M.A.; ZAGO, S. Método para a classificação do grau de dificuldade em roteiros espeleoturísticos. 31o Congresso Brasileiro de Espeleologia. SBE, Ponta Grossa-PR. 2011.
ORTENBURGER, L.N.; JACKSON, R, G. A climber's guide to the Teton Range. The Mountaineers. Seattle, 416 p. 1996.
Antonio Paulo Faria é Professor Titular – Instituto de Geociências UFRJ
Montanhista/escalador – Associado à Federação de Esportes de Montanha e Escalada do Estado do Rio de Janeiro

OS PARQUES DO ESPINHAÇO (VIII): DOS DOIS LADOS DA CORDILHEIRA

*"Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água - carece de espelho."
"Só no azul do anoitecer é que o Chapadão tem fim."*

João Guimarães Rosa

Existem dois Parques com uma posição curiosa, a oeste e leste do eixo do Espinhaço. A origem e o isolamento da Serra do Cabral formaram um ambiente peculiar, que favoreceu a diversidade de sua natureza. Embora pouco conhecido, o vizinho Parque da Serra Negra também apresenta uma natureza diferenciada e atraente, com um fantástico visual do alto da serra.

Alberto Ortenblad | SP



A Serra do Cabral

Vereda Buriti dos Almeida, PE Serra do Cabral.

A Serra do Cabral foi assim chamada devido ao nome de um de seus antigos moradores. É uma formação enorme, percorrendo em seus 80 km o centro-norte mineiro. Está a cerca de 300 km acima de Belo Horizonte. Suas extremidades sul e norte correspondem aos vales dos Rios das Velhas e Jequitaiá, dois cursos aproximadamente paralelos que deságuam no São Francisco. Ela tem uma orientação predominante sul-norte, e os rios, sudeste-noroeste.

Você já os conhece de meus relatos anteriores. O Jequitaiá começa mais próximo, no PN das Sempre Vivas, percorrendo 350 km. No grande romance de Guimarães Rosa, ele era descrito como local de passagem ou travessia. Hoje suas águas estão ameaçadas pelo desmatamento. O Rio das Velhas é o maior afluente do São Francisco. Nasce em Ouro Preto, estranha cidade erguida entre pedras, silêncio e sombras, exatamente na cachoeira que concentrou as primeiras lavras de ouro. Encontra depois a agitação de Belo Horizonte, onde se torna contaminado. Com seus 800 km, foi um importante meio de penetração do território mineiro no Ciclo do Ouro.

É curioso perceber como o Cabral é um maciço isolado, paralelo à cadeia principal do Espinhaço, que nesta região naturalmente constitui o principal enrugamento.

Ele é como um divisor entre a crista elevada do Espinhaço a leste e a depressão do São Francisco a oeste. Os geólogos acreditam que sua presença é um enigma, como se a cadeia do Espinhaço tivesse mergulhado e depois aflorado.

Mais tarde, ao prosseguir rumo norte, o Espinhaço voltará a mergulhar e a aflorar, já então em Grão Mogol, que você conhecerá num próximo artigo. E, de novo, logo antes da Chapada Diamantina, para depois definitivamente terminar, seja na orla do São Francisco, seja bem mais a leste, no caminho de Juazeiro.

Diferentemente do Espinhaço, o Cabral apresenta encostas verdejantes e formações calcárias, associadas entretanto ao quartzito preponderante. Foi nestas formações que povos nômades executaram 1.600 anos atrás pinturas rupestres, abrigadas nas inúmeras lapas da região. Elas mostram um estilo próprio, chamado de cabralino, com representações curiosamente naturalistas de animais. Estas ocorrem numa variedade que a mim pareceu incomum: veados, peixes, antas, tatus, aranhas, emas, macacos e jacarés.

A atividade de extração mineral que existia antigamente impediu que a agricultura

se expandisse na região do Cabral, ainda mais considerando o isolamento, o relevo e a pobreza do solo. Desta forma, a serra foi apenas sujeita às atividades de subsistência, com queimadas e plantios limitados. Porém o recente avanço do eucalipto passou a ameaçar as chapadas do norte mineiro, aproximando-se do Cabral pelo sul. A criação do Parque veio proteger a natureza especial da serra.

A Flora e a Fauna

Ele foi fundado em 2005 com 22.490 ha na sua parte norte, entre Buenópolis e Joaquim Felício, vilas que miram de baixo suas longas paredes. Como é comum no Espinhaço, o Parque tem um desenho alongado, com algumas áreas que avançam a oeste, e com comprimento de 40 km. Com altitude média de 1.150m, não possui nenhuma estrutura ou sinalização e nem foi indenizado. Sua sede ocupa o belo casarão de uma fazenda em Buenópolis. Sua visitação é limitada a escolas.

Quando o visitei, o PESC apresentava boas estradas, que me permitiram percorrer 35 km no seu interior. Tive a sorte de conhecê-lo junto a um velho morador do local, que lá tem uma propriedade (natu-

ralmente com animais). Sua divisa começa no rumo da Fazenda do Condado, a apenas 6 km de Buenópolis. Acredito que seja mais adequado percorrê-lo por veículo, com paradas para visitação a locais especiais, como veredas, serras e lapas.

É impressionante perceber, logo à entrada, como a vegetação do Parque evoluiu rapidamente da mata para o campo – os paus retos e finos do tingui, do vinhático e do gonçalo da sua encosta logo cedem espaço para as gramíneas, as canelas de ema e as sempre vivas da sua chapada mais acima. E como o planalto lá embaixo é tão diferente da campina em cima.

De fato, cerca de metade da área é recoberta por cerrados e campos, com seu aspecto rude e áspero, embora o principal ambiente seja o de campos rupestres, com a característica presença de cactos, bromélias e arbustos recobridos as rochas fraturadas. Mas os cenários mais encantadores são as veredas, com os buritis emergindo dos brejos, vigiados pelas paredes rochosas distantes. Você encontrará a maior delas, o Buriti dos Almeida, logo que chegar ao platô elevado.

Queria contar uma história interessante. O maior naturalista do século retrasado, e de todos os tempos, talvez tenha sido Humboldt. Foi na Venezuela que o buriti lhe chamou a atenção, como é contado numa biografia (adaptado): os frutos atraíam os pássaros, as folhas serviam de anteparo ao vento e o solo que se acumulava atrás dos troncos retinha unidade, propiciando abrigo a insetos e minhocas. Humboldt descobriu que a palmeira disseminava a vida por toda a parte, era o que chamou de espécie-chave, a árvore da vida. E, de fato, como são esplêndidas e surpreendentes essas veredas de buritis, delicados oásis colorindo, agitando e semeando a terra árida.

Existem também formações sombreadas, quando as matas ciliares de jatobás, candeias e sucupiras acompanham os discretos cursos d'água, que acabam se avolumando ao descerem a serra e formarem belas cachoeiras. Visitei a do Riachão, com águas cristalinas fluindo docemente pelas rochas e compondo um delicioso poço sombreado. O ambiente chega a ser irreal, pois o conheci no auge da seca. Todo este visual é incrivelmente móvel. Na seca prolongada, que pode levar cinco meses, a natureza assume um aspecto leñoso e uma coloração palha. No fim das chuvas, os brejos transbordam em lagos, que submergem as estradas. Entre estas estações, o verde se mostra intenso e as

sempre vivas explodem em flor. Acredita-se que, de todas as serras da região, o Cabral seja aquela com a fauna mais abundante. A meu ver, sua vegetação mais úmida e fechada mostra-se propícia, por melhor alimentar e esconder os animais. Muitos dos mamíferos, como o tamandú bandeira, a anta, o lobo guará e a suçuarana, são considerados espécies ameaçadas. Embora difíceis de avistar, os pássaros são bastante frequentes – araras, jacutingas, curiós, trinca-ferros.

As Serras e as Pinturas

A espinha dorsal do Parque é formada pela Serra do Mole, tida como seu ponto culminante, com altitude de 1.385m (haveria outro acima de 1.400m, o Morro do Chapéu, nome bem comum na região). Ela apresenta um perfil recortado acima de um impressionante paredão rochoso, na clara coloração acinzentada típica dos penhascos do PESC. É relativamente grande, ocupando 80 ha de área. Sua ascensão é feita pela Fazenda Bimbarra a sul, através de trilha de 2 km, seguida naturalmente por uma exigente escalaminhada. A outra formação importante é a Serra do Palmito. Encontra-se logo à entrada do Parque, estendendo-se por 50 ha. O acesso é feito por um caminho de 3 km

e seu paredão abrupto alcança 1.235m de altitude, sendo difícil alcançá-lo. Ambas as serras se mostram fraturadas, com abismos e paredes junto a blocos, lajedos e cavidades. O Espinhaço não se presta facilmente a escaladas, com suas rochas ásperas e irregulares.

Visitei dois sítios com inscrições rupestres: a Lapa da Pedra Escrita, logo à entrada do PESC em Buenópolis, e a Pedra Alta, na saída para Joaquim Felício. É impressionante a degradação causada anteriormente ao Parque pelos mineradores, em especial neste segundo local, de fácil acesso. Os blocos fraturados e dispersos e as paredes calcinadas pelo fogo danificaram muitas das pinturas de forma irrecuperável. É um triste contraste comparar as representações imemorais da fauna com a destruição recente dos homens.

Se você tem acompanhado meus artigos, terá notado muitas menções às inscrições rupestres. Gostaria de falar brevemente delas. Há um século e meio, as primeiras pinturas foram descobertas numa caverna da Espanha – mas eram consideradas figuras forjadas, até que sua incrível antiguidade foi estabelecida. Apareceram no fim do Paleolítico e tiveram seu apogeu na Europa há 10 mil anos.

Essas inscrições normalmente são pinturas, feitas a partir de pigmentos vegetais e ani-

mais, em cores como o sépia, o branco e o ocre. Embora raras, existem também as gravuras, criadas por sulcos esculpidos nas rochas. A arte rupestre foi produzida pelos primeiros habitantes do Brasil, datando de 12 mil a 3 mil anos atrás – neste período, a vegetação transitou no Nordeste da mata úmida para a caatinga. Esta região, seca e despovoada, concentra a maior parte de seus testemunhos. As figuras são normalmente pequenas, incluindo animais, árvores e homens e às vezes astros e grafismos – compondo cenas de luta, dança, sexo ou caça. Suas intenções parecem ser descrever a vida, transmitir a cultura, propiciar a caça ou cultivar a fertilidade. São encontradas mais comumente em cavernas e abrigos no arenito, onde os homens primitivos moravam, enterravam os mortos ou adoravam os deuses.

O Parque foi criado para preservar suas muitas nascentes, que abastecem o Jequitinhonha e o Doce, duas bacias isoladas do centro-norte mineiro. Os dois rios principais são o Itamarandiba do Campo e da Mata, afluentes do primeiro. É impressionante o avanço das plantações de eucaliptos para suprimento dos fornos siderúrgicos em Sete Lagoas, de que naturalmente o Parque busca proteger sua natureza, dado o efeito empobrecedor desta cultura.

Acredito que o PESN apresente um potencial bem interessante, pois sua posição elevada e isolada contribui para um visual diferente, seja do panorama ou da vegetação. Entretanto, parece ainda muito pouco conhecido e visitado.

A Serra Negra

A Serra Negra é um interessante maciço montanhoso no Espinhaço mineiro, que parece escuro quando avistado contra a luz do sol, talvez devido à posição e à vegetação. Nele foi criado em 1998 um Parque Estadual relativamente pequeno, com 13.650 ha. Pertence ao município de Itamarandiba, a 400 km de Belo Horizonte e menos de 100 km de Diamantina por asfalto.

Entretanto, o acesso ao PESN é por terra – os 35 km estavam em muito bom estado quando os percorri na seca. A estrada vai rumo ao distrito de Socorro ou Padre João Afonso (convém perguntar pelos dois nomes). Achei mais difícil achar a saída correta na cidade do que percorrer a estrada – não havia nenhuma placa e a população parecia ignorar completamente a existência do Parque.

Apesar de relativamente antigo, o PESN tem pouca estrutura: nenhuma cerca (exceto na porteira de entrada) e sinalização limitada. Como é comum nos parques brasileiros, não foi indenizado, tendo de conviver com a ocupação dos posseiros. Entretanto, apresenta algumas atrações – principalmente a subida aos 1.580m da antiga torre de TV, naturalmente com uma visão espetacular das colinas da região, incluindo o Pico do Itambé.

No caminho, há indicações para o conjunto de pequenas cachoeiras próximas, em especial a do Camilo a 1 km, para a região baixa chamada Campo dos Reis a 3 km e para o Alto do Barro Preto, que acessa uma lagoa a 4 km – esta talvez seja a principal trilha. Mas o guarda parque comentou comigo que acabara de voltar de cachoeiras maiores do lado oposto do espigão, ainda sem acesso. Estes atrativos ocupam a extremidade leste do Parque, que se estende por um traçado estreito de leste para oeste. Sua

cobertura vegetal inclui campo rupestre, cerrado e mata atlântica (ingá, braúna, peroba). Os campos de canela de ema foram os mais bonitos e extensos que já vi, com arbustos acima de 2 m de altura. Algumas destas espécies, de orquídeas e de samambaias são endêmicas. É uma vegetação muito exuberante e sugestiva, cujo verde contrasta belamente lá no alto da serra com o solo de areia impecavelmente branca. A fauna é diversificada, com macacos guariba, lobos guará e capivaras, além de felinos, roedores, répteis e pássaros.

O Parque foi criado para preservar suas muitas nascentes, que abastecem o Jequitinhonha e o Doce, duas bacias isoladas do centro-norte mineiro. Os dois rios principais são o Itamarandiba do Campo e da Mata, afluentes do primeiro. É impressionante o avanço das plantações de eucaliptos para suprimento dos fornos siderúrgicos em Sete Lagoas, de que naturalmente o Parque busca proteger sua natureza, dado o efeito empobrecedor desta cultura.

Acredito que o PESN apresente um potencial bem interessante, pois sua posição elevada e isolada contribui para um visual diferente, seja do panorama ou da vegetação. Entretanto, parece ainda muito pouco conhecido e visitado.

A partir do próximo capítulo, a natureza do Espinhaço irá se tornar mais áspera, nos campos mais áridos e serras mais fraturadas que se seguem a Grão Mogol.

Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

Mapa do Parque Estadual da Serra do Cabral



21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!

LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompeia

www.penatrilha.com.br

www.mountainvoices.com.br

GENUINAMENTE
ARTESANAL
PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU
BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
ESTR. SERRANOS, KM2
SÃO BENTO SAPUCAÍ
(12) 3971.1470



Desde 1989 formando montanhistas e escaladores

Escalada em Rocha

Curso Básico
2 dias
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida. Campos-escola preparados e equipamentos certificados. Alojamento em nosso abrigo.

Cursos Avançados
2 dias
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes. Experiência comprovada.

Escaladas Guiadas
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

Primeiros Socorros em Áreas Remotas
WEC - Wilderness emergency Care
4 dias
Certificações internacionais pelo ASHI - American Safety & Healthy Institute e RCP&DEA (EUA) e Padilha Treinamentos
Turma 2018: 28, 29, 30 de abril e 01 de maio

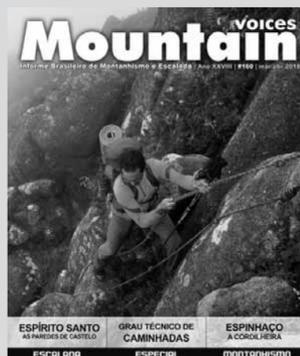
WFA - Wilderness First Aid
2 dias
Certificação internacional pelo ASHI - American Safety & Healthy Institute (EUA) e Padilha Treinamentos
Turma 2018: 23 e 24 de junho

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Tel.: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

deuter Solo Outdoor & Travel TENAYA TRANGO

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br
Web site: www.mountainvoices.com.br
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Alexandre Silva num trecho de escalada na travessia Itaguapé-Marins, SP.
Imagem: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/010/2018.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

160

Total00

ANCORAGENS ESPORTIVAS

dupla pinGo

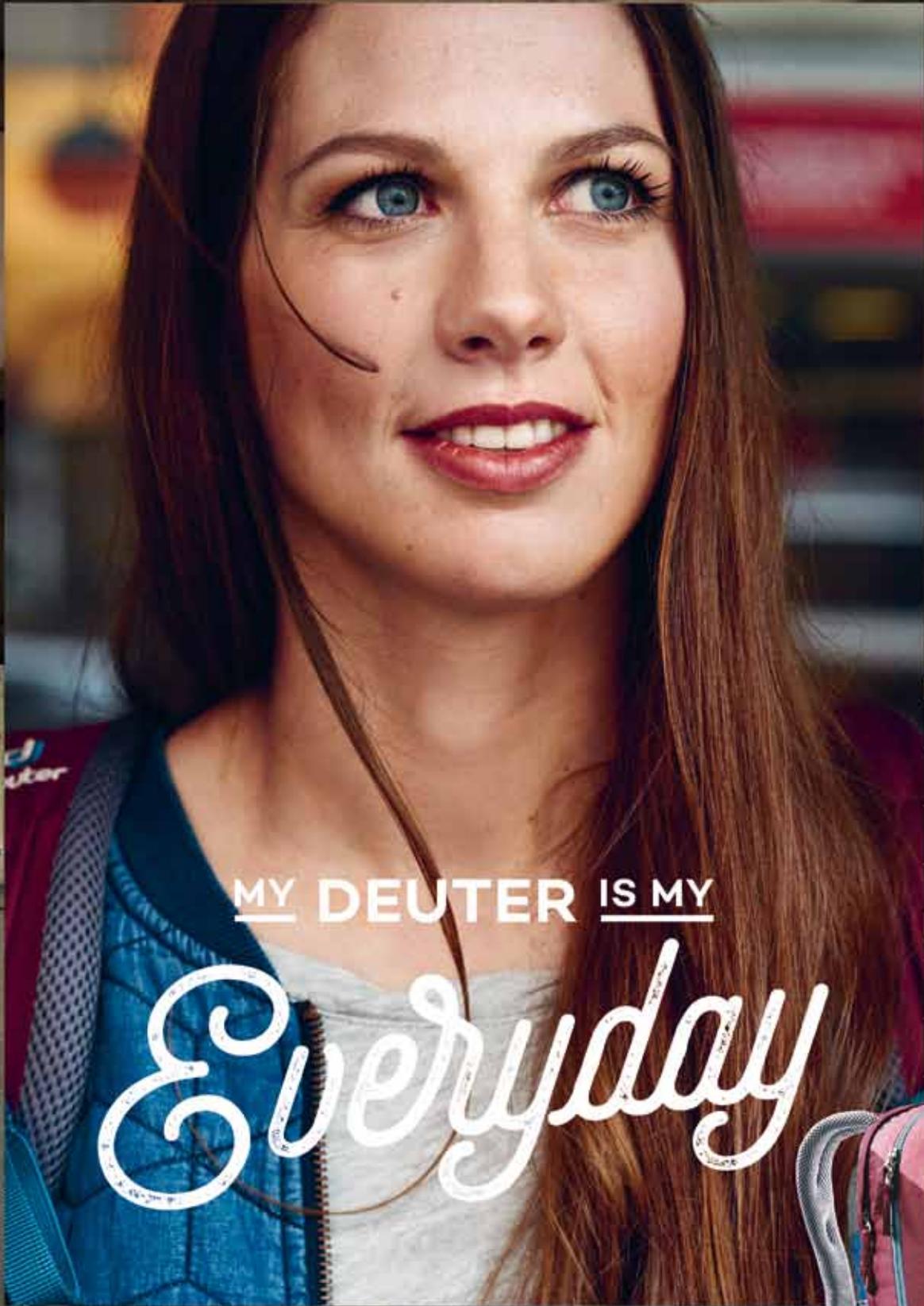
simPles

SEMPRE NA SEG!
BONIER
INO.BRA. .com.br

ACAO INOX CERTIFICADO 304L
100% DE TIPOS DE ROCHAS
LEBAC MONTANHA

Realize seu sonho. Nós damos suporte.

CONQUISTA



MY DEUTER IS MY

Everyday



deuter.com.br